

Visão

23-02-2017

Periodicidade:	Semanal	Temática:	Turismo
Classe:	Informação Geral	Dimensão:	2540 cm ²
Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
Tiragem:	132725	Página (s):	92 a 95



Cascata
Boas vistas estão asseguradas no percurso pedestre do Poço do Inferno, perto de Manteigas, na Serra da Estrela

GETTY IMAGES

Seguindo o fio à meada

Enquanto cai neve na serra da Estrela, há muito para conhecer na região. Uma proposta de passeio até à Covilhã e à vila de Manteigas, construindo um novelo à volta da lã e, no fundo, à volta do passado ligado à indústria dos lanifícios. É a primeira de sete escapadas que chegarão ainda a Ponte de Lima, Lamego, Ponte de Lima, Mértola, Grândola, Ourém e Aljezur

 **JOANA LOUREIRO** jloureiro@impresa.pt

A

A força tremenda da água a correr no vale da Ribeira da Carpinteira, onde outrora se concentrava a indústria de lanifícios da Covilhã, abafa as conversas. É preciso entrar no New Hand Lab – Fábrica António Estrela/Júlio Afonso (um tributo ao primeiro e ao último proprietário) para ouvir os autores que, desde 2013, mantêm o edifício vivo, usando a lã como fio condutor. Há designers, artesãos, pintores, escultores, um fotógrafo e até uma banda de jazz residente, capaz de incorporar nas suas composições musicais os sons perdidos da antiga unidade fabril. “Disponibilizo o espaço e eles partilham o conhecimento”, conta Francisco Afonso (filho de Júlio), o responsável pelo projeto.

“Quem cá está, veste a camisola (de lã)”, brinca Miguel Gigante, o designer responsável pelo Atelier de Burel, que ali desenvolve parte da sua coleção de vestuário e de decoração, dando uma estética mais contemporânea ao tecido. Naquela que era a sala de tecelagem, está agora uma loja com uma amostra do trabalho destes criativos, quase todos com uma ligação familiar à indústria de lanifícios. Pelo restante edifício, estão espalhados os ateliês. As parcerias entre os ocupantes surgem naturalmente, seja com a curta-metragem *A Paixão do Operário*, que João

Inácio filmou naquele cenário, seja com as fotos que João Pedro Silva fez dos bonecos Petrus, nascidos das mãos da artesã Ana Almeida a partir dos fios de lã ali armazenados. “Todos ganham com esta colaboração”, concordam.

Na próxima primavera, deverão avançar as visitas guiadas pelas diferentes áreas, contando também a história daquela que foi, provavelmente, a mais antiga fábrica de lanifícios da Covilhã, fundada em 1855, sobre as ruínas de uma manufatura do século XVII. Desde a abertura do New Hand Lab, por ali já passaram desfiles de moda, espetáculos de dança, concertos e colóquios. “É a melhor forma de preservar estas memórias”, sublinha Francisco Afonso. E de tecer um futuro.

Um festival de “street art”

“Este hotel só podia existir aqui, na cidade da lã”, diz Vasco Pinho, o arquiteto responsável pela transformação do antigo Hotel Turismo da Covilhã em Puralã – Wool Valley Hotel & Spa, reaberto no final de 2016. Pertencente ao grupo Natura IMB Hotels há mais de 20 anos, precisava de se atualizar e de apresentar uma versão mais autêntica, com fortes ligações à região. Algo expresso no mural artístico da autoria de Fátima Pereira Nina, onde se conta a história da Covilhã ao longo dos séculos. A madeira, o xisto e as lãs estão agora por todo o edifício, tornando-o mais acolhedor. “Por dentro, foi completamente demolido”, adianta Luís Veiga, o administrador. “Era importante criar uma atmosfera mais informal.” A ideia à volta dos lanifícios reflete-se não só na decoração mas também em pacotes turísticos que envolvem visitas a fábricas têxteis, em workshops de tricô ou em rituais da lã no spa.

Esta ligação ao passado industrial vê-se por toda a cidade.

Ao caminhar pelas ruas do centro histórico, surgem as figuras do pastor e do operário de lanifícios, em tons de azul, na fachada de uma casa, a contrastar com os painéis de azulejo Viúva Lamego que cobrem a Igreja de Santa Maria. As obras do Arm Collective, a dupla formada pelos artistas Mar e Ram, marcaram o começo do Woolfest, o festival de arte urbana da Covilhã, em 2011. “Essa primeira intervenção foi logo a abrir, mas a reação das pessoas, mesmo das mais velhas, foi muito boa, porque era uma zona esquecida e agora muitos querem visitá-la”, conta o arquiteto Pedro Rodrigues, da organização, que decidiu

Há 12 obras espalhadas pelo centro histórico da Covilhã, assinadas por nomes como Vhils, Tamara Alves, Bordalo II ou ±MAISMENOS±, “Funciona como um roteiro”, diz Pedro Rodrigues, do festival de arte urbana Woolfest



regressar à Covilhã, sua terra natal. Atualmente, há 12 obras (oficiais, porque outras nasceram fora do Woolfest) espalhadas pelo centro histórico, assinadas por Vhils, Tamara Alves, Bordalo II, Samina, Pantónio, ±MAISMENOS±, Mr. Dheo, entre outros nomes conhecidos da *street art*. Com alguns temas relacionados com a região, como o envelhecimento da população, a pastorícia ou os têxteis. “Funciona como um roteiro, levando os visitantes a conhecer também a cidade, facilmente percorrida a pé”, acrescenta Pedro.

Entretanto, no final de 2015, membros da organização do Woolfest abriram A Tentadora, convertendo uma antiga mercearia do centro histórico em espaço de *cowork*, loja e, brevemente, galeria. Pedro Rodrigues e a mulher, Elisabet Carceller, a museógrafa catalã que conheceu durante o Erasmus, dão corda às atividades culturais ali desenvolvidas, entre as quais projeção de filmes, palestras, workshops ou lançamentos de livros. Na loja, que manteve a pátina de outros tempos, destacam o artesanato, peças de design, brinquedos, produtos gourmet e cosmética, feitos na região.

Subindo um pouco a rua íngreme, chega-se ao Cinco Atelier, da arquiteta Joana Sena (também ela de regresso às origens) e da designer Ana Gonçalo. Ali põem em prática os seus projetos de decoração e expõem artigos, de ambas e de outros, nomeadamente as meadas de lã fiadas à mão com a marca Cibo de Terra. Aos fins de semana e em período pós-laboral, fazem *workshops*, desde macramé a teatro de sombras. Nas redes sociais, divulgam as atividades, a hashtag #Há vida atrás da câmara#, associada à localização, revela a dinâmica imprimida. No sentido oposto, a descer, mas também nas traseiras dos Paços do Concelho, está A Laranjinha, uma taberna aberta há dois anos numa casa quinhentista, com decoração tosca, onde há sempre fado a tocar. Os petiscos apostam nos produtos endógenos, como os bombons de fumeiro da Beira com molho de maça, o bife à pastor, o ensopado de javali ou os ovos rotos com presunto serrano.

Os sabores da Beira

A caminho de Manteigas, há outras boas paragens para consolar o estômago, na aldeia de Valhelhas, onde se concentram dois dos melhores restaurantes da região: o Soadro

do Zêzere e o Vallecule, um de cada lado da estrada. Os sabores da Beira têm ali dignos representantes, apostando na qualidade dos ingredientes e na simplicidade da confeção. O primeiro, aberto em 1975 pelos pais de Paulo Carvalho (a mãe continua a liderar a cozinha), pode não ter merecido tanta atenção da crítica gastronómica, mas já conquistou comensais de todo o País (as reservas são aconselháveis), com a sua vitela no tacho, a sopa seca (um cozido à portuguesa mais elaborado), o cabrito assado, a truta frita em escabeche ou a cabidela de galinha do campo.

Continuando a seguir o Zêzere, à entrada de Manteigas, para quem queira queimar calorias, foi construído pelo município um centro de btt (a inauguração oficial é a 4 de março), no Parque da Várzea, junto ao rio. Dali partem (e terminam) cinco percursos de montanha circulares, devidamente sinalizados, com diferentes graus de dificuldade (tanto para famílias como para atletas), num total de 150 quilómetros. O pequeno edifício tem um ponto de lavagem de bicicletas, jogo de ferramentas e balneários. Para dormir, no concelho, existem, sobretudo, unidades de turismo rural, como é o caso do Serra Vale, no centro da vila, e a Casa Cerro da Correia, já a 900 metros de altitude, com uma vista magnífica, no enfiamento do “U” perfeito formado pelo vale glaciar. Não percamos, porém, o fio à meada, porque a vila também cresceu à volta da lã, como se explica no Centro Interpretativo do Vale Glaciar do Zêzere, aberto em 2013 numa antiga casa de guardas-florestais. Ali bem perto, estão as duas residentes à crise da indústria de lanifícios: a Ecolã e a Burel Factory, capazes de transformar o burel, um tecido artesanal português outrora usado por pastores, num produto da moda, apreciado em todo o mundo. As fábricas têm lojas abertas ao público e visitas guiadas, onde se revelam todos os passos do processo de fabrico e se descobrem máquinas centenárias. Se a Ecolã, fundada no início do século passado, já vai na quarta geração, a Burel Factory fez em 2013 uma recuperação notável das instalações de uma unidade falida, procurando combinar a arte e o saber dos tecelões que restavam na vila com a originalidade da equipa de designers. Com ambas, a reinvenção do tecido mais tradicional da indústria de lanifícios da serra da Estrela é uma realidade. Com história, alma e inovação. ■

1
O Hotel Turismo da Covilhã deu lugar ao Puralã – Wool Valley Hotel & Spa, reaberto no final de 2016

2
As obras do Arm Collective foram das primeiras criadas no âmbito do festival de arte urbana Woolfest

3
O Centro Interpretativo do Vale Glaciar do Zêzere funciona numa antiga casa de guardas-florestais

4
A loja Cinco Atelier

5
A Tentadora é loja, galeria e *cowork*

6
A casa de campo SerraVale, em Manteigas, também é salão de chá e loja de produtos regionais

7
A lã é o fio condutor dos projetos residentes no New Hand Lab, na Covilhã



1



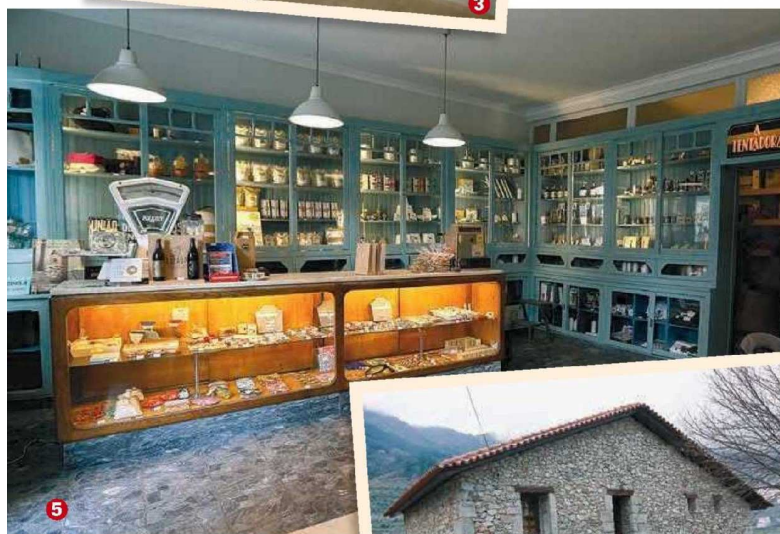
2



3



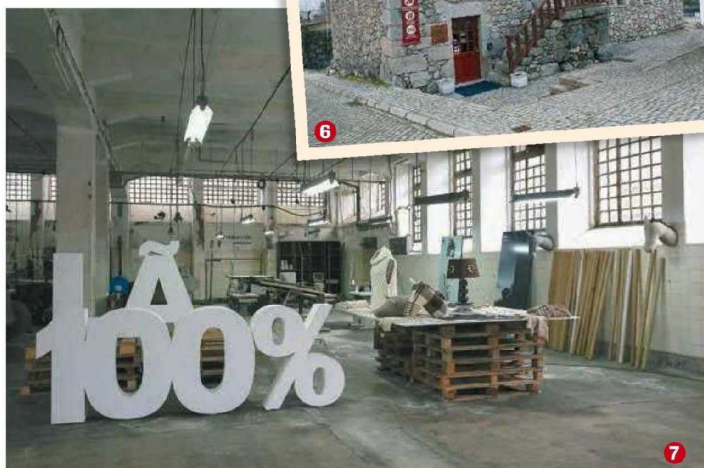
4



5



6



7

FOTOS: LUCÍLIA MONTEIRO



PURALÃ - WOOL VALLEY HOTEL & SPA
Al. Pêro da Covilhã, Covilhã > T. 275 330 400 > quarto duplo a partir de €65

CASA CERRO DA CORREIA

Com quatro quartos e cozinha equipada, é um refúgio acolhedor com uma vista soberba do Vale Glaciar do Zêzere. Cerro da Correia, Manteigas > T. 98 678 7834 > casa de €120 a €150

POUSADA SERRA DA ESTRELA

O antigo sanatório dos ferroviários foi recuperado pelo Grupo Pestana, respeitando o projeto de Eduardo Souto Moura a antiga traça arquitetónica. EN 339, Penhas da Saúde, Covilhã > T. 21 040 7660 > a partir de €120

SERRA VALE

Esta casa de campo dispõe de duas suítes e dois quartos twin, uma loja de produtos locais e um salão de chá. Quinta de Santo António, Manteigas > T. 275 982 825 > suítes €75, twins €60



TABERNA A LARANJINHA

R. 1º Dezembro, 10, Covilhã > T. 275 083 586 > €15

SOADRO DO ZÊZERE

E. N. 232, Valhelhas, Guarda > T. 275 487 114 > €18

VALLECULA

Pç. Dr. José de Castro 1, Valhelhas, Guarda > T. 275 487 123 > €20

QUINTA DA AMOREIRA

R. das Amoreiras 4, Canhoso, Covilhã > T. 275 084 892

COZINHA D'AVÓ

Clube de Campo, Quinta do Covelo, Covilhã > T. 275 331 174 > €18

CONVENTO BELMONTE GOURMET

Serra da Esperança, apartado 76, Belmonte > T. 275 910 300 > €30



CENTRO INTERPRETATIVO DO VALE GLACIAR DO ZÊZERE

Fonte Santa, Manteigas > T. 275 981 113 > ter-sex 10h30-12h30, 14h-17h, sáb-dom 10h-12h30, 14h-17h > €1

MUSEU DE LANIFÍCIOS

Real Fábrica Veiga > Centro de Interpretação dos Lanifícios > Cç. do Biribau, Covilhã > T. 275 319 724 > ter-dom 9h30-12h, 14h30-18h



A TENTADORA

R. Alexandre Herculano, 21, Covilhã > seg-sex 10h-13h, 15h-19h, sáb 10h-13h

NEW HAND LAB

R. Mateus Fernandes, Trav. do Ranito, Covilhã > T. 98 269 7493 > seg-dom 14h30-18h30

CINCO ATELIER

R. Jornal de Notícias da Covilhã, 5, Covilhã > T. 275 099 050 > seg-sex 9h30-19h

BUREL FACTORY

Amieiros Verdes, Manteigas > T. 275 098 932 > seg-sex 10h-12h, sáb 10h-13h

ECOLÃ

Amieiros Verdes, Manteigas > T. 275 981 653 > seg-sex 9h-12h, 14h-17h



EXPO ESTRELA

Manteigas > 25-28 fev

CARNAVAL DA NEVE

Covilhã > 24-28 fev

FEIRA DO QUEIJO SERRA DA ESTRELA

Mercado Municipal, Seia > 25-28 fev